

JOHNSON BARROS/FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Helicópteros H-60L Black Hawk em voo; em 2024, País comprou 12 aeronaves dos Estados Unidos



Forças Armadas

Cenário com Trump e mundo mais bélico desafia Brasil a ampliar autonomia militar

— Corte de ajuda dos EUA para a Colômbia e ameaças ao Panamá alertam autoridades nacionais, que veem necessidade de levar adiante projetos como o do submarino nuclear

ESTADÃOANALISA

MARCELO GODDY

O exército e a polícia da Colômbia estão em busca de recursos para manter o combate aos guerrilheiros do ELN e aos dissidentes das Farc bem como aos narcotraficantes do Clã do Golfo. O corte da ajuda americana ao país – suspenso por 90 dias – e a perspectiva de que o governo de Gustavo Petro deixe de receber os US\$ 400 milhões que os Estados Unidos enviaram ao país para operações militares na selva ameaçam paralisar a frota de helicópteros Black Hawks, usados para transportar operações especiais. Ações estão sendo sus-

pensas, facilitando a vida do crime organizado.

A situação envolvendo a Colômbia, bem como as ameaças de Donald Trump à Dinamarca – um aliado da Otan – e à soberania do Canadá e do Panamá, despertou a atenção de militares brasileiros e de integrantes da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa da Câmara dos Deputados.

De imediato, a crença é de que a nova administração americana vai afetar o relacionamento do U.S. Southern Command (Southcom), o Comando Sul militar americano, com as Forças Armadas dos países do Caribe e da América do Sul. Em um contexto no qual o mundo vem se tornando cada vez mais bélico, com países aumentando continuamente os gastos com segurança (mais in-

formações nesta página), a volta de Trump à presidência dos Estados Unidos projeta desafios para Defesa nacional.

Quando estava à frente do Southcom, a general Laura Richardson chegou a defender um “Plano Marshall” para a região como forma de fechá-la à influência chinesa. Mais do que negar esse caminho, Trump sinaliza para a retirada do dinheiro americano que ser-

via a muitos desses países. Richardson dizia que onde o dólar sai, o yuan entra. As prioridades americanas, porém, serão outras, como o combate às drogas e o uso de Guantánamo para guardar imigrantes ilegais, inclusive brasileiros.

O tom assertivo da nova diplomacia americana pode, de acordo com militares ouvidos pelo **Estadão**, levar à revisão de parcerias. Embora não haja ainda nada de concreto que afete as relações dos Estados Unidos com o Brasil no campo da Defesa.

SOLUÇÕES. Mas as especulações começaram. Entre os cenários vislumbrados pelos militares brasileiros ouvidos pelo **Estadão** está o de possíveis ameaças à soberania do País, o que forçaria o Brasil a bus-

car soluções militares cada vez mais autônomas em relação a potências extrarregionais. Mas isso tem um custo. E não é pequeno.

Veterano da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, o deputado Carlos Zarattini (PT-SP) disse que diversificar fornecedores “é positivo”. Para ele, a situação brasileira é diferente da colombiana. Primeiro, porque não há bases americanas no País – embora o governo de Jair Bolsonaro tenha permitido que a inteligência dos Estados Unidos operasse em Roraima, quando Washington buscou derrubar Nicolás Maduro. Depois, porque “há pouco recurso americano no Brasil”.

“Nós compramos (o Exército adquiriu, em 2024, 12 Black Hawks dos Estados Unidos ☺

.....

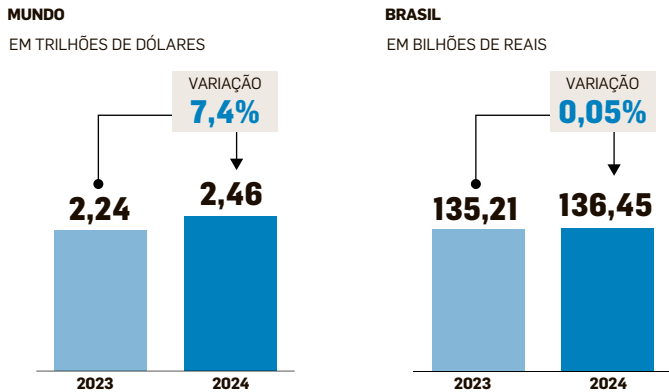
Helicópteros

US\$ 960 mi foi o valor que o Exército brasileiro usou para adquirir, em 2024, 12 helicópteros do modelo Black Hawks dos EUA

ORÇAMENTO

Recursos destinados à Defesa cresceram 7,4% no mundo em 2024

Gastos em Defesa



Nações que mais gastaram com Defesa em 2024

Ranking	País	Valor (em bilhões de dólares)
1º	ESTADOS UNIDOS	968,0
2º	CHINA	235,0
3º	RÚSSIA	145,9
4º	ALEMANHA	86,0
5º	REINO UNIDO	81,1
6º	ÍNDIA	74,4
7º	ARÁBIA SAUDITA	71,7
8º	FRANÇA	64,0
9º	JAPÃO	53,0
10º	COREIA DO SUL	43,9
11º	AUSTRÁLIA	36,4
12º	ITÁLIA	35,2
13º	ISRAEL	33,7
14º	UCRÂNIA	27,4
15º	POLÔNIA	28,4

VALOR REPRESENTA 39,3% DE TODO O DINHEIRO GASTO NO SETOR NO MUNDO

FONTE: INSTITUTO INTERNACIONAL DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS (IISS) / INFOGRÁFICO: ESTADÃO

⊕ por US\$ 960 milhões). Temos helicópteros de fabricação americana e não americanos no País”, afirmou, em referência à prática de leasing adotada pela Colômbia.

É nesse contexto que surge, para os militares, um novo momento para convencer as lideranças civis da importância de projetos como o Prosub – com sua frota de submarinos convencionais e um nuclear –, o MTC-300 (Míssil Tático de Cruzeiro com alcance de 300 quilômetros) e a aquisição de um sistema de artilharia de média altura.

As assessorias parlamentares das Forças aguardam a definição da composição das comissões de Relações Exteriores e Defesa da Câmara dos Deputados e do Senado para voltar a defender a previsibilidade dos gastos na área e dinheiro para projetos estratégicos para a soberania.

Alógica por trás desse movimento é uma só: e, se depois do Canal do Panamá, for a vez da Amazônia? Para o coronel Paulo Roberto da Silva Gomes Filho, do Centro de Estudo Estratégico do Exército, o Prosub e o MTC-300 são “um bom começo” para garantir a capacidade antiacesso/negação de área para nossas forças. Permitiria negar o uso do mar e alvejar potenciais adversários antes de chegarem ao território nacional.

SUBMARINOS. O Prosub já entregou dois submarinos convencionais à Marinha e deve entregar outros dois, além do Álvaro Alberto, o primeiro a ter propulsão nuclear. Em construção no Complexo Naval de Itaguaí, no litoral Sul do Rio, ele deve ficar pronto até 2033. Além disso, a Marinha prepara uma versão com alcance ampliado do míssil Mansup que atingiria alvos a até 200 quilômetros de distância e poderia ser usado para a defesa da costa pelos batalhões de fuzileiros.

“É muito, muito difícil substituir a indústria do Ocidente. Isso causaria um terremoto técnico e doutrinário. Muita coisa teria que mudar, a um preço enorme”

Paulo Roberto da Silva Gomes Filho
Coronel

O caso do MTC-300 depende do desenlace da crise da Avibrás, a empresa responsável pela produção do míssil em parceria com o Exército. Um consórcio de quatro empresas nacionais e estrangeiras apresentou uma proposta para salvar a indústria até o dia 4 de abril. Entre elas estaria a Akaer, que lidera o consórcio Força Terrestre, responsável

pela modernização dos blindados Cascavel. O MTC-300 poderia ser disparado pelo sistema Astros. Suas primeiras unidades deveriam ter sido entregues em 2020 em um programa cujo investimento estimado era de R\$ 2,5 bilhões.

Outro ponto fundamental seria a aquisição da antiárea de média altura. Este é um interesse das três Forças. Por isso, envolve o Ministério da Defesa. A solução poderia ser um acordo entre os governos do Brasil e da Índia, o que permitiria ao País adquirir o novo sistema de mísseis terra-ar Akash NG.

O Exército lançou em 2024 consulta pública para a aquisição do sistema dentro do Programa Estratégico do Exército Defesa Antiaérea. A Índia está expandindo sua indústria de Defesa e a compra de seus equipamentos não causaria questionamentos geopolíticos. Outra opção aposta em um projeto nacional, que poderia ser feito pela Avibrás.

A Força terrestre está preparando o 12.º Grupo de Artilharia de Campanha (12.º GAC), com sede em Jundiá (SP), para abrigar o novo sistema. Ao longo deste ano, ele se tornará o 12.º Grupo de Artilharia Antiaérea (12.º GAAe). Além da aquisição externa, o Exército não descarta o desenvolvimento dentro do nosso país, da mesma forma que ocorreu com o míssil anticarro MSS 1.2 AC, produzido pela Siatt, que se tornou fundamental para a dissuasão a qualquer aventura venezuelana em Roraima diante do atraso dos israelenses na entrega dos Spike LR2 e da relutância dos americanos em vender o Javelin.

GEOPOLÍTICO. Nas três Forças, há um consenso sobre a necessidade de deixar claro à sociedade brasileira a visão delas em relação à mudança do cenário geopolítico internacional. Para muitos oficiais generais, o País poderá ser obrigado a buscar um nível de autonomia militar em relação a potências extrarregionais, uma posição que o País nunca teve. A nova postura da diplomacia americana sob Trump em relação à América do Sul pode obrigar, porém, o Brasil a assumir novas responsabilidades como liderança regional.

Difícilmente, porém, uma total independência em relação aos Estados Unidos seria alcançada. “É muito, muito difícil substituir a indústria do Ocidente. Causaria um terremoto técnico e doutrinário. Muita coisa teria que mudar, a um preço enorme”, disse o coronel Paulo Filho. ●

Países inflam gastos com defesa; EUA respondem por 40%

Todo ano os militares brasileiros se queixam da falta de recursos para sua área. O Projeto de Lei Orçamentária Anual de 2025, que deve ser votado em março pelo Congresso, prevê um aumento real de 0,8% nos recursos destinados ao Ministério da Defesa em relação a 2024. Os números totais incluem os gastos com custeio, salários e com investimentos. Quando analisado separadamente, os recursos reservados na rubrica “Defesa Nacional”, que concentra os investimentos da pasta, devem cair 1% em 2025 ante o ano anterior, passando de R\$ 14,89 bilhões para R\$ 14,73 bilhões (valores atualizados pelo INPC).

Esse movimento vai em sentido oposto ao observado no mundo, que registra desde 2022 aumentos contínuos de gastos com a Defesa, conforme demonstrou relatório publicado no último dia 12 pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS, na sigla em inglês), de Londres.

As reclamações tradicionais dos militares brasileiros ocorrem agora em um novo contexto geopolítico mundial – exposto pelas guerras na Ucrânia e no Oriente Médio – que se aprofundou com a posse de Donald Trump, no qual antigos aliados se veem ameaçados pela nova e assertiva política externa americana.

Segundo explicou Bastian Giegerich, diretor-geral, do IISS, foi a continuação da guerra na Europa (Ucrânia) que intensificou a competição estratégica entre as potências militares, provocando o aumento de 7,4% dos gastos em defesa no mundo. Tudo indica que a

tendência de aumento deve se manter neste ano.

No caso do Brasil, os gastos com a Defesa em 2024 cresceram 0,05% em relação a 2023 (R\$ 135,21 bilhões, em valores atualizados). Mas os recursos orçamentários para investimentos no ano passado haviam recebido um acréscimo de 6,3% em comparação com 2023, passando de R\$ 13,8 bilhões para R\$ 14,7 bilhões.

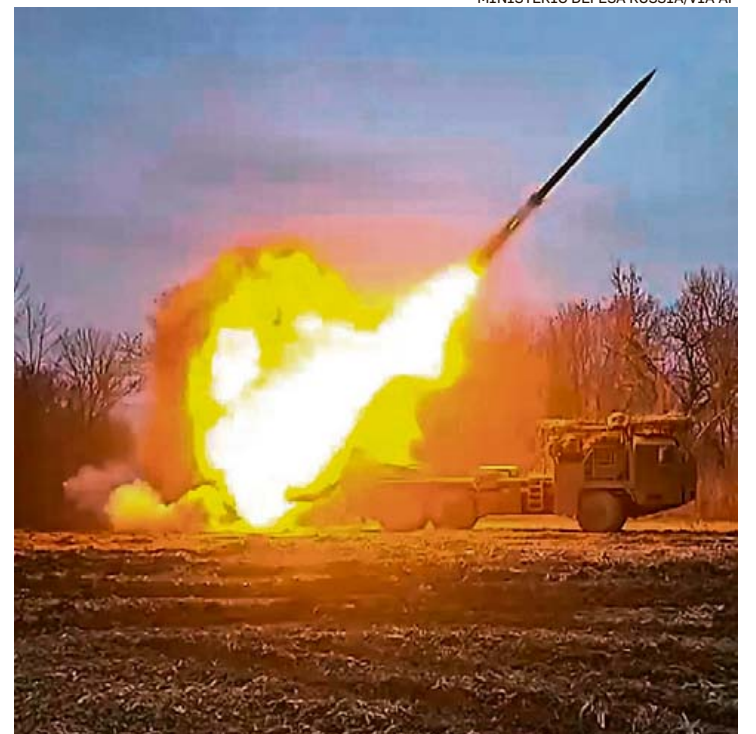
RANKING. Como termo de comparação, esses valores deixam o Brasil fora do ranking das 15 nações que mais gastaram com defesa em 2024, de acordo com o ranking do IISS. Os EUA lideram a lista com US\$ 968 bilhões gastos na área – 39,3% de todo o dinheiro gasto no setor no mundo.

China (US\$ 235 bilhões) e Rússia (US\$ 145,9 bilhões), somadas, gastaram apenas 36,8% do que os americanos colocaram no setor.

Ao todo, os países gastaram US\$ 2,46 trilhões em 2024 ante US\$ 2,24 trilhões em 2023, um ano que já havia registrado um crescimento de 6,5% do dinheiro alocado para o setor em relação a 2022, quando o crescimento ante 2021 havia sido de 3,5%. De acordo com o IISS, todas as regiões do planeta, exceto a África Subsaariana, cresceram seus gastos em termos reais em 2024.

Outro dado importante exposto pelo instituto é que, “como proporção do PIB, os gastos globais aumentaram de uma média de 1,59% em 2022 para 1,80% em 2023 e 1,94% em 2024”. No caso brasileiro, os gastos com o setor não chegam a 1,1% do PIB. ● M.G.

MINISTÉRIO DEFESA RUSSIA/VIA AP



Operação militar na Rússia: poderio bélico se torna centro de debate